



ESTADOS UNIDOS

Fotos: Hugo Cervantes/Divulgação



Policiais contêm moradores, enquanto mulher se desespera, diante do centro de ensino



Pouco depois, um agente (D) gesticula para a mesma mulher, a fim de evitar que ela fure o bloqueio de segurança e entre no prédio



Oficial imobiliza mãe de estudante, jogada ao chão, entre dois carros: truculência registrada em vídeo foi criticada nas redes sociais



Sentada no meio-fio, mulher é consolada por duas pessoas: na tarde de terça-feira, pais viveram momentos de horror ante a falta de notícias, enquanto Salvador Ramos executava 19 crianças

Polícia em xeque por resposta ao massacre

Familiares de crianças mortas por atirador na Escola Primária Robb e moradores de Uvalde, no Texas, acusam as forças de segurança de demora na invasão ao prédio. Testemunha gravou vídeos que mostram a revolta de pais e mães com agentes

» RODRIGO CRAVEIRO

"O que vocês estão fazendo? Entrem no prédio!", gritou uma mulher em direção aos policiais. "Protejam nossos filhos!", suplicou outra mãe. Uma pessoa está deitada no chão, enquanto é imobilizada por um agente. "Que p... você está fazendo com ela? Solte-a!", clamou um homem. Do lado de fora da Escola Primária Robb, em Uvalde, no oeste do Texas, pais choravam, desesperadamente, enquanto oficiais pediam que se afastassem do local. Dentro do prédio, Salvador Ramos, 18 anos, teve pelo menos 45 minutos para executar 19 crianças e duas professoras, antes que a polícia invadisse a sala de aula do 4º ano e o matasse. "Vocês continuam lutando conosco, vão combater aquele filho da p...!", bradou um morador. Uma mãe desabafou: "Vocês estão com medo de levar um tiro? Eu irei sem colete a prova de balas, eu vou!"

Ontem, vídeos da tragédia de terça-feira, divulgados nas redes sociais, mostravam a indignação e a revolta dos pais de alunos ante a suposta omissão das forças de segurança. Victor Escalon, agente do Departamento de Segurança Pública do Texas, disse que os policiais não foram capazes de entrar na escola, "por causa do tiro que recebiam". Eles pediram reforços, enquanto ocorria a retirada de crianças e professores.

"Aproximadamente uma hora depois, as equipes táticas da Patrulha Fronteira chegaram. Eles invadiram, atiraram e mataram o suspeito."

Escalon desmentiu que um policial escolar teria enfrentado Ramos no momento em que tentava ingressar no centro de ensino. "Ele não foi confrontado por ninguém", afirmou. Chefe da Patrulha Fronteira dos EUA, Raul Ortiz assegurou que os policiais "não hesitaram" em responder à ocorrência. "Eles elaboraram um plano. Entraram naquela sala de aula e cuidaram da situação o mais rápido que puderam", declarou à CNN.

Uma das gravações foi feita pelo trabalhador de construção Hugo Cervantes, 35 anos. Vizinho da escola, ele contou ao **Correio** que chegou ao centro de ensino por volta de meio-dia (14h em Brasília) de terça-feira, cerca de 20 minutos depois que Ramos invadiu o local com uma pistola e um fuzil AR-15. "Não havia muitos policiais no local. Vi desespero, angústia e impotência por não poderem entrar no prédio e ver o que estava se passando com as crianças. A polícia não atuou como deveria", criticou. "Nós pedíamos aos policiais que invadissem a escola. Eles apenas nos diziam que estava tudo bem, mas sabíamos que não. Do lado de fora, escutávamos os tiros vindos de dentro da escola. No fim das contas, foi um policial da guarda

Chandan Khanna/AFP



Memorial improvisado dedicado às vítimas do tiroteio em massa: população de Uvalde em choque e indignada

fronteira que entrou, sozinho, e matou o atirador."

Hugo disse que também escutou os disparos no momento em que Ramos abriu fogo contra o rosto da avó, de 66 anos. "O assassino vivia na casa de trás da minha. Ele atirou contra a idosa, que tentou detê-lo. Roubou a camioneta da avó e, por não saber dirigir, caiu em uma vala na esquina. Foi então que abandonou o veículo e entrou

na escola", relatou. Por pouco, a filha de Hugo não entrou nas estatísticas de um dos maiores tiroteios em massa a atingir os Estados Unidos nos últimos anos. "Ela frequentava a Escola Primária Robb. Depois que a colocamos em um programa de ensino bilingue, decidiram mudá-la de escola. Mas meus amigos perderam os filhos", lamentou. Jacinto Cazares disse à emissora

ABC News que correu até a escola quando soube do tiroteio. Sua filha, Jacklyn, é uma das 19 crianças assassinadas. "Havia ao menos 40 agentes da lei armados até os dentes, mas não fizeram nada, até que foi tarde demais", contou. "A situação poderia ter terminado rapidamente se tivessem um melhor treinamento tático. Nós, como comunidade, fomos testemunhas de primeira mão."

Eu acho...

Instagram/Reprodução



"A polícia poderia ter disparado contra o atirador antes de ele invadir a escola. Como o assassino atirou contra os agentes, eles não quiseram se aproximar. As forças de segurança poderiam ter evitado tudo isso. Os moradores da nossa cidade estão chateados, porque os policiais não fizeram o que deveriam ter feito."

Hugo Cervantes, 35 anos, trabalhador da construção, vizinho da Escola Primária Robb, em Uvalde (Texas)

"Monstro"

Adriana Reyes, mãe do atirador Salvador Ramos, contou à ABC News que o rapaz ficava agressivo ao sentir raiva, mas sublinhou que ele "não era um monstro". "As vezes eu tinha uma sensação desconfortável, como 'o que você está fazendo?', disse, ao admitir que não sabia que o filho tinha adquirido dois fuzis e uma pistola. "Essas crianças... Eu não tenho palavras", afirmou, em meio ao choro. "Não sei o que dizer sobre essas pobres crianças." No domingo, o presidente norte-americano, Joe Biden, deverá visitar Uvalde.

Aris Messinis/AFP



Zelensky acusa Rússia de "genocídio no Donbass"

O presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, acusou a Rússia de cometer um "genocídio" no Donbass, região do leste do país onde os combates se concentram atualmente. "A atual ofensiva dos ocupantes no Donbass poderia deixar a região desabitada", advertiu Zelensky em seu discurso televisivo diário. De acordo com ele, as forças russas pretendem "reduzir a cinzas" várias cidades da região. "Moscou pratica a deportação e os assassinatos de civis no Donbass. Tudo isso (...) é uma política evidente de genocídio desempenhada pela Rússia", acusou. As declarações de Zelensky se contrapõem às acusações de Moscou, que justificou sua invasão assegurando que os ucranianos cometiam um "genocídio" contra a população russófona do Donbass. Esta bacia mineira do leste da Ucrânia, formada pelas regiões de Donetsk e Lugansk, é cenário de uma guerra desde 2014 entre as autoridades de Kiev e separatistas pró-russos. Em abril, o Parlamento ucraniano tinha adotado uma resolução qualificando de "genocídio" a atuação do Exército russo em seu território. EUA, Canadá e Reino Unido também adotaram o termo. Na foto, garoto observa prédio destruído depois de bombardeio em Kramatorsk, também no Donbass.

CHINA

Blinken defende competição

Jim Watson/AFP



Antony Blinken, secretário de Estado dos EUA: busca por sistema "aberto"

O secretário de Estado americano, Antony Blinken, instou a competição vigorosa com a China para preservar a ordem mundial vigente. No entanto, ele garantiu que os EUA não buscam uma "Guerra Fria". Em discurso que era aguardado como o mais explícito sobre a política do presidente Joe Biden em relação a Pequim, o titular da diplomacia dos EUA disse que a China é "o mais sério desafio de longo prazo para a ordem internacional".

"A China é o único país que tenta reformular a ordem internacional, e, cada vez mais, tem o poder econômico, diplomático, militar e tecnológico para fazê-lo", disse Blinken, em um pronunciamento na Universidade George Washington. "A visão de Pequim nos afastaria dos valores universais que tanto sustentaram o progresso do mundo nos últimos 75 anos", explicou.

Blinken admitiu que há um consenso crescente de que os EUA não podem mudar a trajetória da China quando seu

presidente, Xi Jinping, assume uma posição mais firme tanto dentro quanto fora de seu país. "Devemos dar forma ao ambiente estratégico em torno da

China para avançar na nossa visão de um sistema internacional aberto e inclusivo", disse.

"Não buscamos um conflito ou uma nova Guerra Fria.

Ao contrário, estamos decididos a evitar as duas coisas", afirmou. "Não buscamos bloquear a China em seu papel de grande potência, nem buscamos impedir a China — ou outro país — a fazer sua economia crescer ou avançar em benefício de seu povo", acrescentou Blinken.

Taiwan

O discurso de Blinken foi proferido dias depois de Biden afirmar que os Estados Unidos defenderiam militarmente Taiwan, uma democracia autônoma reivindicada por Pequim. O secretário acusou Pequim de aumentar as tensões com Taiwan e insistiu em que os EUA não mudem sua política depois de Biden afirmar que Washington defenderia a ilha. "Nossa política não mudou. O que mudou foi a crescente coerção de Pequim, como se tentasse amputar Taiwan das relações com outros países e bloquear sua participação nas organizações internacionais", criticou.